



IMAGENS DO CORPO DA NADADORA OLÍMPICA

IMAGES OF THE OLYMPIC SWIMMER'S BODY

Rosângela Soares Campos

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás, Brasil
roscamposgyn@gmail.com

Rita Morais de Andrade

Universidade Federal de Goiás, Brasil
ritaandrade@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar as imagens do corpo da nadadora olímpica (feminino, sexy, branco e magro) construídas pelos discursos dominantes e a maneira como a mídia divulga tais imagens. Foram investigadas quatro fotografias de nadadoras olímpicas (publicadas nos sites Self, Coed, CNN e Jornal Herald Sun) a partir da análise do discurso de matriz francesa. Os resultados sugerem que a mídia utiliza comentários e fotografias que são enquadradas, recortadas e focadas de modo a enfatizar tais imagens e, dessa maneira, influencia a capacidade de olhar do espectador.

Palavras-chave: natação; imagens; corpo; mídia.

Abstract

This article aims to analyze the images of the Olympic swimmer's body (female, sexy, white and skinny) built by the dominant discourses and the way the media disseminate such images. Four photographs of Olympic swimmers (published on the websites Self, Coed, CNN and the newspaper Herald Sun) were investigated from the analysis of the French matrix discourse. The results suggest that the media use comments and photographs that are framed, cropped and focused in order to emphasize such images and thus influence the viewer's ability to look

Keywords: swimming; images; body; media.

Introdução

Neste artigo¹ são analisadas as imagens do corpo da nadadora olímpica, categorizado socialmente (padrão ideal de corpo para a atleta) como feminino, sexy, branco e magro, e a forma como a mídia reproduz tais imagens por meio de fotografias e comentários.

Entretanto, como ser feminina e sexy e, ao mesmo tempo, musculosa? Esse conflito Russell (2004) chamou de identidade dupla e, normalmente, é resolvido reafirmando, negando ou transformando a feminilidade tradicional (ser feminina e sexy).

¹ Este artigo é o resultado parcial das reflexões que faço em minha tese, sob orientação da profa Dra. Rita Morais de Andrade, na qual são investigadas as imagens do corpo e dos maiôs na natação feminina de alto nível.

Já o discurso do corpo branco, em parte, é devido à segregação do passado, que implicou a falta de acesso às piscinas aos negros e, por isso, temos hoje uma disparidade entre negros e brancos na natação competitiva. Ser negro diminui as possibilidades de nadar em cerca de 60%, mesmo ajustando outros fatores como idade sexo e classe social (HASTINGS et. al., 2006). E, por último, o corpo da nadadora olímpica deve ser magro com base na premissa de que o desempenho de alto nível esta associado à baixa porcentagem de gordura (SIDERS, 1993)

Essas imagens² são construções sociais compartilhadas, usadas para definir e orientar práticas sociais relacionadas ao corpo da natação e a fotografia é um meio de materialização dessas imagens. O corpus de análise é constituído de quatro fotografias de três atletas olímpicas, entre 2012 e 2016 (período após a proibição dos maiôs tecnológicos em competições) publicadas nos sites Self, Coed, CNN e no Jornal Herald Sun. As fotografias foram interpretadas partir da análise do discurso³ de matriz francesa (PÊCHEUX, 1993) na qual se verificou os sentidos estabelecidos a partir das categorias gênero (ser feminino e sexy), raça (ser branco) e atributo estético (ser magra), considerando se a pose da nadadora era em movimento, se tinha relação com a natação e se enfatizava as habilidades atléticas ou a aparência.

A mídia tem um papel importante na disseminação das imagens do corpo da nadadora olímpica enquanto algo feminino, sexy, branco e magro, na medida em que tais imagens são reforçadas pelo uso de comentários e de fotografias que são enquadradas, focadas e recortadas para direcionar o olhar do espectador.

A dupla identidade

Russell (2004) identificou que as atletas apresentam identidades duplas com relação aos seus corpos. Na verdade, ao mesmo tempo em que descrevem sentimentos de orgulho quanto a um corpo musculoso, decorrente da prática esportiva, elas se sentiam incomodadas ao imaginar como seus corpos seriam percebidos em um contexto diferente do esportivo.

Uma nadadora pode se sentir confortável com seus ombros largos estando em uma piscina, mas pode se sentir inadequada por não conseguir encontrar camisetas que caibam no seu corpo. A nadadora americana Misty Hyman afirma que o problema é que “você acaba com ombros maiores que a média das mulheres, às vezes maiores que seus amigos” (AUERBACH, 2016, p. 1.).

² Compreendo o conceito de imagens a partir da teoria da representação social. Para Wagner (1998), a representação social é um “conteúdo mental estruturado - isto é, cognitivo, avaliativo, afetivo e simbólico - sobre um fenômeno social relevante, que toma a forma de imagens ou metáforas, e que é conscientemente compartilhado com outros membros do grupo social”. A imagem também é analisada em sua materialidade por meio de fotografias.

³ A interpretação do discurso “é um ‘gesto’, ou seja, é um ato no nível simbólico . [...] A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é ‘materializada’ pela história. [...] Ela sempre se dá de algum lugar da história e da sociedade [...]”.(ORLANDI, 2004, p.18-9)



Para Hargreaves (2000), as mulheres atletas compensam o fato de terem músculos avantajados com maquiagem, vestimenta e ações. Na natação o comportamento mais frequente é destacar as unhas. Para a nadadora Katie Seaton (2015), “as unhas pintadas de uma nadadora são uma última tentativa de permanecer feminina [...] O brilho adicionado às nossas unhas é a única forma de expressão feminina que temos” (SEATON, 2015, p.1).

As atletas utilizam várias estratégias comportamentais apologéticas para resolver o conflito da dupla identidade: esforçam-se para parecer femininas, desculpam-se por atos agressivos, evitam contatos físicos com outras mulheres publicamente e interagem com namorados. Elas são conscientes da possibilidade de serem enquadradas em estereótipos negativos, tais como: atletas do sexo feminino são masculinas; atletas do sexo feminino são lésbicas; e atletas do sexo feminino são inferiores aos atletas do sexo masculino. Por isso reforçam os estereótipos tradicionais de feminilidade, como uma forma de justificar a manifestação de comportamentos conflitantes e, assim, reafirmar sua feminilidade e heterossexualidade (DELANO et al., 2009) e descartar aproximações com imagens masculinas ou lésbicas (CARTY, 2005).

Outra forma de resolver o conflito da dupla identidade é por meio da seletividade de comportamento denominada por Ross e Shiner (2008, p. 54) de “seletividade da feminilidade”. Esses estudiosos identificaram que as atletas avaliam se determinada situação solicita uma aparência feminina e, a partir daí, escolhem enfatizar ou não sua feminilidade. Elas agem ocasionalmente de acordo com a feminilidade tradicional, em especial no âmbito social, mas se sentem livres para não reforçá-la em outros contextos. Isso mostra que as atletas compreendem os papéis tradicionais de gênero, entretanto “construíram suas próprias definições aceitáveis de gêneros” (ROSS E SHINER, 2008, p. 54).

E por último o conflito da dupla identidade é administrado ao considerar um corpo definido –como o arquétipo de corpo feminino. Isso ocorre porque os “ideais musculares empurram os ideais culturais anteriores do corpo minúsculo e magro para incluir subsídios para peso e volume substanciais” (BORDO, 1993, p.191). Entretanto, as mulheres atletas poderiam até ser poderosas e musculosas, o que evidencia uma mudança nos papéis de gênero, mas isso não excluiria a necessidade de serem sexy (ROSS; SHINER, 2007).

Da mesma maneira, a nadadora americana Natalie Coughlin é definida como tendo ombros fortes e sexys em matéria publicada no site Self (PHAM, 2013). A matéria fala dos segredos de Coughlin para ter ombros sensuais e é acompanhada de uma foto (ver Figura 1) que enquadra os ombros e o rosto da nadadora, sugerindo uma oposição – embora a nadadora tenha ombros largos, seu rosto é feminino e sexy. A pose é estática e sem relação alguma com a natação: o olhar é desviado da câmera, mas, ao mesmo tempo, é sedutor. Além disso, a nadadora, apesar do porte atlético que não é exagerado, está dentro do “teto de vidro” definido por Dworkin (2011), ou seja, apesar de musculoso, ainda é considerado um corpo feminino. Para Connell (1987), isso significa que os corpos que buscam força muscular são moldados e limitados por práticas sociais e ideologias de feminilidade enfatizadas, e não mais pela biologia.



Portanto, resumidamente, há três métodos que as atletas utilizam para resolver o conflito entre ser atleta e feminina: abraçando, rejeitando ou transformando a feminilidade hegemônica (PRUITT, 2013).

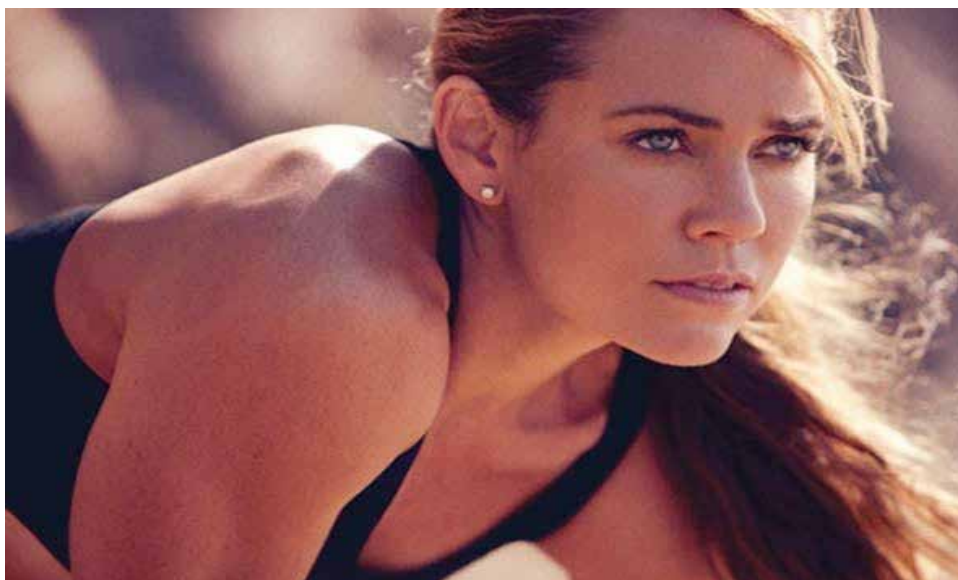


Figura 1: Nadadora americana Natalie Coughlin. Fonte: Pham, 2013, p. 1.

Do corpo feminino e sexy

Desde Annette Kellerman, uma nadadora australiana do início do século passado, pioneira na defesa da natação profissional feminina, prevalece a imagem da nadadora sexy. Embora Kellerman tenha rompido com alguns padrões comportamentais femininos de sua época, ela se projetou como uma “sereia”, “seu *sex appeal* ajudou a inaugurar uma nova era de natação, mas as mulheres ainda eram excluídas das piscinas particulares, como a luxuosa do New York Athletic Club” (ROSENBERG, 2018, p. 1).

Nas décadas de 1940 e 1950, a mídia intensificou a imagem da nadadora como alguém sexy e obscureceu suas realizações atléticas. A nadadora Eleanor Holm foi da equipe americana nos Jogos Olímpicos de 1932 e foi expulsa dos Jogos de 1936 por estar bebendo no navio da Alemanha. Depois disso, ela estrelou vários filmes de Hollywood, incluindo *Tarzan's Revenge*, mas nunca voltou a nadar de forma competitiva. Na verdade, o público a percebia muito mais como uma mulher que representava os ideais femininos do que uma mulher com grandes conquistas atléticas (ROSENBERG, 2018, p. 2).

Da mesma maneira que Holm, Ester Williams foi uma grande nadadora que se tornou uma estrela de cinema. No filme *Technicolor Million Dollar Mermaid*, o apelo sexual é evidente na fala de um dos personagens que diz a Williams: “Molhada, você é fantástica; seca, você é apenas uma garota legal que deveria se estabelecer e se casar” (ROSENBERG, 2018, p. 2).

A imagem da nadadora sexy permanece nos dias atuais, a exemplo da maneira como a nadadora americana Natalie Coughlin foi representada por Hasty (2016)⁴. Ele ressalta seus feitos olímpicos, entretanto a fotografia (ver Figura 2) que acompanha o texto é da nadadora nua em uma pose sexy dentro da água, ou seja, a imagem não tem relação alguma com o texto. Na verdade, ela desloca o olhar do leitor para o corpo, e não para a *performance* da nadadora. Além disso, o título da matéria reforça as construções sociais da imagem: “Natalie Coughlin: as fotos mais quentes da nadadora olímpica dos EUA” (Hasty, 2016, p.1)



Figura 2: Natalie Coughlin. Disponível em: <https://coed.com/2016/06/29/natalie-coughlin-photos-hot-pictures-best-sexy-instagram-us-olympic-swimmer>

Boveé e Arens (1986) sugerem que os leitores, ao lerem a matéria, primeiro direcionam o olhar para a imagem, em seguida para o título e só depois para o texto. Isso significa que, provavelmente, as primeiras percepções e construções de valores são da fotografia da atleta nua. Nessa fotografia, o corpo nu de Coughlin ocupa a posição central, em uma pose que sugere movimento, mas sem relação alguma com os movimentos da natação. Esses resultados estão parcialmente de acordo com os estudos de Buysse e Herbert (2004), nos quais se evidenciou que as mulheres foram mais propensas a ser retratadas em poses passivas e irrelevantes para o esporte. Consistentes com esses achados, Kane (1996, p. 102) afirma que “atletas do sexo feminino normalmente são retratados fora da quadra, fora do uniforme e em poses altamente passivas e sexualizadas”.

O rosto da atleta é ocultado e é destacada a marca do maiô, uma forma de apelo sexual, além de indicar que a atleta pratica uma modalidade aquática, sugerindo que a água é um elemento que a deixa sexy e atraente. O fato é que, nesse tipo de fotografia, Coughlin não foi representada como

⁴ Matéria publicada no site COED, intitulada “Natalie Coughlin: Hottest Photos Of The U.S. Olympic Swimmer”. Disponível em: <https://coed.com/2016/06/29/natalie-coughlin-photos-hot-pictures-best-sexy-instagram-us-olympic-swimmer/>. ESPN. Acesso em 8 de junho de 2018.

atleta, mas como modelo. Para Kim e Sagas (2014, p. 13), “quando os atletas são retratados como modelos de maiôs, eles obviamente ganham notoriedade de modelos de moda, não como atletas”.

A forma como a atleta é enquadrada na fotografia, destacando suas pernas e nádegas (partes do corpo consideradas sensuais), contribui para a percepção do público sobre o ideal de corpo para a nadadora olímpica. O estudo de Knight e Giuliano (2001) evidenciou que, em artigo no qual o foco são as habilidades atléticas, as mulheres são percebidas como menos atraentes, do que quando o foco é sua beleza e sensualidade. Isso sugere que esse tipo de fotografia orienta nossas representações de como deve ser o corpo das atletas, reforçando a ideia de um corpo feminino e sexy.

O corpo branco

Quando a primeira mulher negra, a nadadora jamaicana Alia Atkinson, ganhou uma medalha de ouro no campeonato Mundial de natação, a CNN, a ESPN e a Guardian escolheram uma fotografia na qual ela se mostrava surpreendida pelo resultado, de olhos arregalados, “fazendo-a parecer mais uma ganhadora de loteria do que uma nadadora de elite” (ROSENBERG, 2018, p. 1). E abaixo da fotografia publicada no site da CNN, ainda tinha um pequeno texto explicativo: “um olhar de descrença é gravado no rosto de Alia Atkinson depois que ela conquista o ouro nos 100m nado de peito feminino nos campeonatos mundiais de natação de curta duração no Qatar” (GITTINGS, 2014, p. 1). Dessa maneira, o discurso da legenda se cruza com o da fotografia, a fim de estabilizar interpretações. Por que não escolheram uma fotografia dela nadando ou recebendo a medalha?

A fotografia (ver Figura 3) destaca a expressão de perplexidade da nadadora por ter ganhado uma medalha olímpica. A pose é estática, e, a touca, os óculos, o maiô e o fato de estar dentro de uma piscina sugere que a fotografia tem relação com a natação, mas não evidencia a *performance* da nadadora



Figura 3: Alia Atkinson. Fonte: Gittings, 2014. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2014/12/07/sport/swimming-atkinson-world-first/index.html>

Pussield (2004, p.1), ex-técnico de natação, afirma que a natação “talvez seja o esporte mais branco da América ou quem sabe do mundo”. O fato é que as mulheres negras estão invadindo um espaço antes ocupado por brancos, a exemplo de Alia Atkinson e do pódio do Campeonato de Natação NCAA, que foi composto somente por atletas negras. No entanto, esses feitos não chamam a atenção da mídia, pois a natação torna-se notícia somente quando Michael Phelps ou Ryan Lochte quebram outro recorde (ROSENBERG, 2018) ou quando atletas brancas se destacam, como Katie Ledecky.

Por que ao se referirem aos atletas brancos, como Katie Ledecky, não é mencionada sua cor, mas, quando se referem a negros, a cor é enfatizada? A nadadora Simone Manuel (2017) afirma que é constantemente mencionada como “a nadadora negra” e, na verdade, gostaria de ser referida como a nadadora “campeã olímpica”, embora saiba da importância de ser uma atleta negra na natação.

A natação, historicamente, é marcada por estereótipos racistas e consequente exclusão dos negros. De acordo com Fryar (2016), narrativas como a de que o negro tem muita densidade muscular óssea, o que dificultaria sua flutuação, foram criadas para afastar os negros das piscinas⁵. Um exemplo dessas teorias está no estudo de Allen e Nickel (1969) intitulado “O negro não aprende a nadar”. A pesquisa concluiu que os negros flutuavam menos que os caucasianos e que seus músculos se movimentavam com dificuldade em águas frias. E o mais recente estudo de Bejan et. al. (2010) afirma que há diferenças no centro de gravidade entre brancos e negros, o que explicaria uma melhor *performance* dos brancos. Essas justificativas, portanto, dão ênfase ao determinismo biológico, sendo que a sub-representação dos negros nas piscinas é, na verdade, resultado de aspectos socioculturais. A vitória de Manuel foi uma rejeição enfática dessas narrativas de que negros não conseguem nadar.

Portanto, como é perceptível, o elemento raça é, infelizmente, um fator de distinção social no mundo da natação. Com efeito, observa-se comumente que aqueles que não se classificam como brancos recebem tratamento diferenciado, pois o corpo ideal nessa modalidade está atrelado a conceitos eurocêntricos. Mas nadadoras como Alia Atkinson mostram que a necessidade de um corpo branco para nadar é uma invenção social, uma forma de manifestação de dominação branca.

O corpo magro

Imagine estar em um maiô de natação, o qual adere ao corpo e revela que você está acima do peso, isso na frente das câmeras de todo o mundo em uma olimpíada. A nadadora australiana Leisel Jones participou de quatro Olimpíadas, ganhou nove medalhas, sendo três de ouro e ficou na mira da mídia, que criticou sua forma corporal ao participar dos Jogos Olímpicos de

⁵ A origem da segregação racial nas piscinas remota em parte ao período da escravidão.



Londres em 2012. Mesmo sendo uma das melhores nadadoras australianas de todos os tempos, seus críticos destacaram sua aparência, a exemplo do Jornal Melbourne Herald que afirmou que Jones estaria fora de forma durante as eliminatórias para os Jogos (GERSTNER, 2012).

O jornal australiano Herald Sun publicou uma matéria sobre Jones comparando o corpo da nadadora nos Jogos Olímpicos de Pequim de 2008, quando ela apresentava um corpo esguio, com o corpo “acima do peso ideal” nos Jogos de Londres em 2012, o que levou o jornal a questionar se a atleta estava apta a participar das Olimpíadas (SMITH, 2012) e se ela conseguiria vestir seu maiô de competição como fez nas Olimpíadas de Pequim. “Foi uma das coisas mais difíceis com que já tive que lidar. [...] Eu fui chamada de gorda na primeira página de um jornal [...]. Eu queria engatinhar debaixo de uma pedra e morrer”, relembra Jones a respeito de quando estampou a primeira página de um jornal que criticava seu corpo antes dos Jogos de Londres (TRAN, 2018, p. 1).

O jornal ainda fez uma enquete com o público perguntando se os espectadores achavam que Jones tinha condição de competir. Os comentários no fórum on-line também se referem à forma e ao peso de Jones, que estariam comprometendo o desempenho da atleta, considerando inaceitável o corpo da nadadora. Um dos espectadores alterou a imagem da nadadora para que sua mochila se parecesse com um saco de comida do McDonald's.

McMahon e Ruchti (2016) pesquisaram como a mídia australiana representou Leisel Jones durante os jogos olímpicos de 2008 e 2012. Para as autoras, a mídia veicula a ideia de que há uma relação necessária entre corpo magro e alto desempenho esportivo, ou seja, o atleta precisa ser magro para ser vencedor. Foram selecionadas duas fotografias de Leisel Jones, publicadas no *Sydney Morning Herald* e no *Herald Sun*. Assim como foi feita uma pesquisa on-line usando como palavras-chave “nadador gordo”, “excesso de peso” e “corpo nadador” e analisados comentários em fóruns on-line.



Figura 4: Leisel Jones. Disponível em: McMahon; Ruchti, 2016.

Primeiramente, as fotografias foram analisadas em seus aspectos técnicos, depois foi abordada a relação entre as fotografias, as legendas e os títulos das reportagens. Na fotografia publicada no Herald Sun (ver Figura 4), por exemplo, as coxas e a barriga da nadadora são destacadas, sua cabeça está baixa e os ombros estão curvados. Embora esteja em uma pose que sugere movimento e que tem relação a modalidade esportiva que pratica, o texto que acompanha a fotografia destaca sua aparência e usa as palavras “forma” e “peso” para direcionar a atenção do espectador à forma corporal de Jones, assim como postula que a atleta tem problemas para controlar o peso e que está “gorda”.

McMahon e Ruchti (2016) questionam por que os jornais que publicaram as fotografias com suas respectivas reportagens não publicaram fotos de Leisel Jones nadando ou com roupas menos reveladoras. Além disso, as mesmas fotos foram publicadas em outros meios de comunicação, tendo indicativos de processos de recortes e zoom.

Podemos inferir que essa preocupação com o peso deve-se à forma como a natação é categorizada, ou seja, como um esporte de construção fina que exige baixos índices de massa corporal (BYRNE; MCLEAN, 2002). Entretanto, uma porcentagem de gordura mais elevada pode influenciar positivamente na flutuabilidade e consequentemente influenciar positivamente no desempenho do atleta (STAGER, et.al., 1984), mas conforme Lowensteyn et. al. (1994) desde que esta porcentagem não seja excessiva, pois pode aumentar a força de arrasto e dificultar a *performance*.

McMahon e Ruchti (2016) se apropriam das teorias de Higgins (2008) para compreender os comentários on-line e sugerem que esses podem ser decorrentes do armazenamento visual interno de padrões e regras que auxiliam a criar um olhar esportivo. De acordo com Higgins (2008, p. 320), esse olhar, por sua vez, “ordena e regula o relacionamento com eventos e imagens esportivos, [...] identificando o “fora do comum” em termos de realização esportiva, elogiando-o, ou mesmo respondendo negativamente a ele”. Esse olhar esportivo direcionou os espectadores a enquadrar o corpo de Leisel Jones como insatisfatório para uma nadadora olímpica.

Conclusão

O corpo feminino, sexy, branco e magro, como algo ideal para a nadadora olímpica, constitui uma narrativa que traz consigo explicações e interpretações que foram construídas a partir do ideal de corpo da sociedade, o qual influencia todas as outras esferas sociais, sendo o esporte uma delas.

Haveria a possibilidade de as mulheres desenvolverem sua aptidão atlética sem serem necessariamente femininas (WHITSON, 1994) ou haveria formas de uma feminilidade própria do esporte? Ou ainda haveria um modo de a musculosidade ser algo também feminino e superar concepções do senso comum que atribuem apenas ao homem características de um corpo musculoso?

Quanto ao corpo branco, a *performance* de atletas negras como Alia Atkinson evidencia que as narrativas que sugerem que o negro não tem habilidades para nadar são decorrentes de aspectos culturais e sociais. E por último, a imagem do corpo magro para vencer foi divulgada pelas representações midiáticas as quais criaram concepções em relação ao corpo do nadador (MCMAHON E RUCHTI, 2016)

A mídia constitui um importante veículo para divulgar tais imagens (corpo feminino, sexy, branco e magro); para tanto, usa comentários e estratégias de enquadramento, recorte e foco das fotografias a fim de reforçar tal ideologia e, assim, construir significados a respeito do corpo da atleta e influenciar a capacidade de olhar do espectador.

Referências

ALLEN, R.; NICKEL, D. The Negro and learning to swim: The buoyancy problem related to reported biological differences. **Journal of Negro Education**, n. 38, 1969, p. 408-409.

AUERBACH, N.. U.S. women's swim team on body image, eating disorders and supporting each other. **USA Today**. Ago. 2016. Disponível em: <<https://www.usatoday.com/story/sports/olympics/rio-2016/2016/08/03/us-womens-swim-team-body-image-eating-disorders/>>. Acesso em: 18/6/2018.

BEJAN, A.; JONES, E.; CHARLES, J. . The evolution of speed in athletics: Why the fasted runners are black and swimmers white. **International Journal of Design and Nature & Ecodynamics**, n. 5, 2010, p. 199-211.

BORDO, S. **Unbearable weight: Feminism, western culture, and the body**. Berkeley, CA: University of California Press, 1993.

BOVEE, C. L.; WILLIAM, F. A. **Contemporary Advertising** .New York:McGraw-Hill, 1986

BUYSSSE, J. A. M.; HERBERT, M. S. E. Constructions of Gender in Sport: An Analysis of Intercollegiate Media Guide Cover Photographs. **Gender & Society**, vol. 18, n. 1, 2004, p. 66-81.

CARTY, V. Textual Portrayals of Female Athletes: Liberation or Nuanced Forms of Patriarchy? **Frontiers: A Journal of Women Studies**, vol. 26, n. 2, 2005, p. 132-155.

CONNELL, R. W. **Gender and Power**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

DELANO D, L. R.; POLLOCK ,A.; VOSE,J. E. . "Apologetic Behavior Among Female Athletes." **International Review for the Sociology of Sport**. 2009, 44(2).

DWORKIN, S. L. Holding back: Negotiating a glass ceiling on women's muscular strength. **Sociological Perspectives**, vol. 44, n. 3, 2001, p. 333-350.

FRYAR, C. It's time to address the persistent stereotype that 'Black people can't swim'. **Media diversified**. Ago. 2016. Disponível em: <<https://mediadiversified.org/2016/08/17/its-time-to-address-the-persistent-stereotype-that-black-people-cant-swim/>>, Acesso em: 18/6/2018.

GERSTNER, J. C. Calls for Respect After Criticism of Swimmer's Weight. **New York Times on-line**, jul.2012. Disponível em: <<http://london2012.blogs.nytimes.com/2012/07/26/calls-for-respect-after-swimmers-weight-is-questioned/>>. Acesso em: 4/8/2018.

GITTINGS, P. Black swimmer makes history at world championships. **CNN website**,dez. 2014. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2014/12/07/sport/swimming-atkinson-world-first/index.html>> Acesso em: 8/8/2017.

HARGREAVES, J. Heroines of sport: The politics of difference and identity. New York: Routledge, 2000.
HASTINGS, D. W.; ZAHARAN, S.; CABLE, S. Drowning in inequalities: Swimming and social justice. **Journal of Black Studies**, vol. 36, n. 6, 2006, p. 894-917.

HASTY, T. Natalie Coughlin: hottest photos of the u.s. olympic swimmer. **ESPN website**,jun. 2016. Disponível em: <<https://coed.com/2016/06/29/natalie-coughlin-photos-hot-pictures-best-sexy-instagram-us-olympic-swimmer/>>. Acesso em 8/8/2017.

HIGGINS, M.. The sporting gaze: towards a visual turn in sports history – documenting art and sport. **Journal of SportHistory**, vol. 35, n. 2, 2008, p. 311-329.

LOWENSTEYN, I.; SIGNORILE, J.F.; GILTZ, K. The effect of varying body composition on swimming performance. **J Strength Cond Res**. 1994; 8(3):149–154.

KANE, M. J. Media coverage of the post title ix female athlete: a feminist analysis of sport, gender, and Power. **Duke Journal of Gender Law & Policy**, vol. 3, n. 95, 1996.

KIM, K; SAGAS, M. Athletic or Sexy? A Comparison of Female Athletes and Fashion Models in Sports Illustrated Swimsuit Issues. **Gender Issues**, vol. 31, n. 2, 2014, p.123-141.

KNIGHT, J. L.; GIULIANO T. A. He's a Laker; She's a "Looker": The Consequences of Gender-Stereotypical Portrayals of Male and Female Athletes by the Print Media. **Sex Roles**, vol. 45, n.3/4, 2001, p.217-229.

MANUEL, S. Simone Manuel: We Need To Get Rid Of The Racial Stereotypes That Surround Swimming. **Essence**, ago.2017. Disponível em: <<https://www.essence.com/culture/simone-manuel-swimming-stereotypes-free-low-cost-lessons>>. Acesso em: : 20/2/2018.

MCPMAHON, J.; RUCHTI, N. B. The media's role in transmitting a cultural ideology and the effect on the general public, **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, vol. 8, n. 2, 2016, p.131-146.

ORLANDI E. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4a ed. Campinas (SP): Pontes; 2004.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: Gadet F, Hak T, organizadores. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2a ed. Campinas (SP): Ed Unicamp; 1993. p.61-105

PHAM, T. Get Swimmer Natalie Coughlin's Sexy-Strong Shoulders. **SELF [website]** Out. 2013. Disponível em: <<https://www.self.com/story/ommc-swimmer-natalie-coughlin-sexy-strong-shoulders>>. Acesso em: 20/8/ 2017.

PRUITT, L. **She's just a normal girl**: ESPN the magazine's body issue and the framing of women athletes. [Dissertação]. College of the Oklahoma State University, 2013.



- PUSSIELDI, A. O negro e a natação. Agosto de 2004. **Bestswim**, ago.2004. Disponível em: <http://www.bestswim.com.br/2004/08/02/o-negro-e-a-natao-100/>. Acesso em : 16/6/2018.
- ROSENBERG, M.. Making waves the slow crawl toward making swimming more inclusive. **Bitchmedia**, jun. 2018. Disponível em: <https://www.bitchmedia.org/article/making-swimming-more-inclusive>. Acesso em: 7/6/2018.
- ROSS, S. R.; SHINEW, K. J. Perspectives of women college athletes on sport and gender. **Sex Roles**, vol. 58, p. 40-57.
- RUSSELL, K. M. On versus off the pitch: the transiency of body satisfaction amongfemale rugby players, cricketers, and netballers. **Sex roles**, vol. 51, n. 9/10, 2004, p. 561-574.
- SEATON, K. The Power of the Pre-Race Polish. **Swimming World Magazine**, jan. 2015. Disponível em <http://www.swimmingworldmagazine.com/news/power-pre-race-polish/>. Acesso em 8 /10/ 2017.
- SIDERS, W.A; LUKASKI, H.C.; BOLONCHUK, WW. Relationships among swimming performance, body composition and somatotype in competitive collegiate swimmers. **J Sports Med Phys Fitness**. 1993; 33(2):166–171
- SMITH, G. Backlash after Australian newspaper describes Olympic triple-gold medallist as fat and questions her fitness. **Daily Mail Austrália**, jun. 2012 Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-2179394/>. Acesso em 12 de junho de 2018.
- STAGER, J.M; BECKER, T.J; CORDAIN, L. Relationship of body composition to swimming performance in female swimmers. **J Swim Res**. 1984; 1(1):21–26.
- TRAN, C. It was one of the hardest things I’ve ever had to deal with: Former Olympic gold medallist Leisel Jones. **Daily Mail Austrália**, jan.2018. Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/femail/article-5300943/Olympian-Leisel-Jones-fat-shamed-page-newspaper.html>. Acesso 4/8/ 2018.
- WAGNER, W. Sócio-gênese e características das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C., **Estudos interdisciplinares de representação social**, 1998, p. 3-25.
- WHITSON, D. The embodiment of gender: Discipline, domination and empowerment. In: BIRRELL, S.; COLE, C., **Women, sport and culture**, 1994, p. 353-373.

Minicurrículos

Rosângela Soares Campos

Aluna do Doutorado do Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (UFG) e professora de Educação Física do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG)/ Câmpus Goiânia.

Rita Morais de Andrade

Professora associada da Universidade Federal de Goiás. Atua no Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual e no Bacharelado em Design de Moda da Faculdade de Artes Visuais (desde 2006).